

# Voz do Sul

SEMANARIO REGIONALISTA REPUBLICANO

N.º 1575

Ano XXXVII

Director e Proprietário

Editor - Joaquim Sequeira

Silves, 2 de Agosto de 1952

HENRIQUE MARTINS

Redacção, Administração e Oficinas  
Rua 5 de Outubro - SILVES

## SILVES cidade de Turismo

Com água e luz que já possui, os esgotos em condições de permitirem maior nível de sanidade e aceio, as ruas pavimentadas, os prédios caiados e pintados e outros pequenos melhoramentos, a nossa cidade de Silves pode, depois, dar-se ao gosto — que não é luxo — de utilizar os valiosos elementos de que dispõe para ser uma cidade de turismo — não direi um meio turístico demasiado ambicioso; mas com algumas interessantes atrações que não são vulgares e nem se encontram em todas as cidades e vilas que organizam e exploram turismo, com êxito.

Não se encontram em todas as cidades monumentos de tanto valor histórico e artístico, como o Castelo, a antiga Sé Catedral, a Cruz de Portugal, o Palácio Municipal, a Ermida da Senhora dos Mártires, uma paisagem aliciante como a que circunda a cidade, onde não faltam pomares com deliciosos frutos, e até uma das mais pitorescas vias fluviais do sul do país, o rio Arade, que oferece todas as possibilidades de levar o turista até Portimão, Ferragudo e Praia da Rocha.

Não esquecer a valiosa atração que pode constituir a Praia de Armação de Pera, que depois de melhorada com pequenas obras, que não requerem audaciosas quantias de dinheiro, pode ser considerada uma das melhores praias do sul, com a vantagem de ter simpática feição popular e económica, que poderá multiplicar a concorrência.

Há, ainda, a considerar que Silves pode e deve ser colocada numa escala obrigatória de transito turístico, porque tem coisas interessantes para mostrar e fica perto das Caldas de Monchique, da Praia da Rocha e na melhor e mais pitoresca via para Lagos e Sagres.

No futuro, a cidade pode contar com um mais alto nível económico do concelho, proveniente do seu desenvolvimento agrícola, que se me afigura assegurado após a conclusão das importantes obras da Barragem. A população é das mais ordeiras e hospitaleiras; diminuíram as tabernas; aumentou o gosto pela cultura e educação profissional, graças à valiosa obra da Escola Industrial e Comercial — e tudo isto são elementos a valorizar pela iniciativa oficial, sem se perder de vista o valor da iniciativa particular e a cooperação de todos os silvenses em tudo que possa engrandecer a cidade e promover o bem-estar da população.

Da conjugação dessas iniciativas podem nascer obras simpáticas, como um pequeno museu; um monumento ao nosso poeta João de Deus, que ficaria muito bem no Jardim Público; uma pequenina biblioteca ao ar livre, que não ficaria mal na Praça do Município, e poderia ter, também, a função de manter um pequeno posto de informação e propaganda turística. Muitas outras realizações desta natureza se podem alcançar com iniciativa, sem perder de vista a propaganda que se pode exercer através de festas cívicas e desportivas e também de sentido cultural. E não deixarei de lembrar que talvez desse maior rendimento de trabalho e acção a instalação da Comissão de Turismo em Silves.

Esta acção não impediria que fossem atendidas as aspirações das freguesias rurais, entre as quais coloco as legítimas e justas reclamações de S. Marcos da Serra, a que tenciono dedicar um próximo artigo.

Julião Quintinha

## As carreiras de navegação para o Oriente

A imprensa trouxe recentemente ao nosso conhecimento, a propósito da inauguração da carreira nacional de navegação para o Extremo-Oriente, as dificuldades encontradas para obter carga em portos estrangeiros para o navio que inaugurou essa carreira.

Tais dificuldades, segundo as informações, são determinadas pela má vontade de empresas de navegação estrangeiras que também fazem carreira para o Extremo-Oriente e que, parece, por serem de existência mais antiga, não encaram bem o aparecimento da nossa carreira.

Francamente, a noticia deixa-nos cheios de espanto, espanto ainda maior se fizermos uma rememoração de factos históricos que parece estarem esquecidos por parte de quem se sente agora importunado com a presença daqueles que, aliás, deveriam ser recebidos de braços abertos e com todas as homenagens devidas aos pioneiros da navegação ocidental naqueles mares.

Mas duvido que neste caso a antiguidade alegada por essas empresas seja direito que apoie sólidamente tão antipática quanto injusta atitude. E até porque, bem vistas as coisas, o direito por antiguidade, se direito fosse, nos pertencia a nós, portugueses, incontestavelmente.

Foram os portugueses que na sua extraordinária gesta de quinhentos, dominaram o comércio marítimo naquelas paragens, desempenhando primordial papel nas relações entre o Ocidente e o Oriente.

Logo após a chegada à Índia da armada do Gama, os portugueses procuraram logo fixar sólidamente a sua posição no Oriente e, quer por actos militares, quer por actos diplomáticos, esse desiderato foi atingido, pelo menos no início. Assim, por um tratado com o rei de Calecute, obtiveram possibilidades de comércio na Índia. A tomada de Malaca e de Ceilão proporcionou-lhes o domínio do comércio marítimo com a China. A posse de Ormuz permitiu-lhes o controle do tráfico marítimo com o Irão e, finalmente, estabeleceram feitoria em Java, na China e no Japão.

Todo o tráfico dos mares da Africa e da Asia ficou na

posse dos portugueses, pois os árabes, seus mais próximos antecessores naquele comércio, tinham sido por eles escorraçados e as suas armadas destruídas, numa luta simultaneamente religiosa e económica.

Esta posição política e económica dos portugueses na Asia, facto da maior importância na história económica do mundo, entra depois em declínio por razões várias, não sendo das de menor importância, a submissão de Portugal à monarquia dualista dos Filipes, que arrasta o pa-

(Segue na 4.ª página)

## Vida Internacional

### No Egipto

A seguir a um golpe de Estado, dado pelo general Naguib, a que se seguiu a demissão de Hilali e a nomeação de Ali Maher, como primeiro ministro egipcio, o rei Faruk decidiu abdicar para não dar satisfação a algumas das imposições do Exército, que ele considerava demasiado vexatórias para um chefe de Estado.

Decidiu abdicar em favor de seu filho varão, o príncipe Ahmed Fuad que tem somente 6 meses e que acompanhará seus pais no exílio até aos 7 anos, data em que regressará ao País para reinar sob um Conselho de Regência, cujos membros vê-se que estão indicados em cartas lacradas enviadas pelo ex-rei ao Conselho de Ministros e à Casa Real.

Essas cartas, segundo a Constituição, só poderão ser abertas no Parlamento e este aguarda a sua formação em resultado de eleições ainda não realizadas. Entretanto as prerrogativas constitucionais do monarca serão exercidas pelo Governo, que decidiu convidar a regressar ao País os chefes wafdistas exilados no estrangeiro.

Observador Imparcial

## Modos de ver e... pensar

Esta palavra — Saudade — tem feito correr rios de tinta, e nas bocas dos poetas e prosadores, nas mais variadas formas, tem sido motivo para os mais lindos versos e a melhor prosa. Mas poucos se têm lembrado de duas palavras, que pelo seu alto significado merecem um padrão especial. As suas características necessitam uma observação minuciosa para não deturpar assim o seu real valor, tão elevado é o seu significado.

Quem será que não tenha ouvido através da sua vida, estas palavras, que juntas, muitas vezes equivalem a um martírio — Parece Mal.

De vez em quando surge como por encanto as tais palavras, e o Parece Mal — destrói todas as opiniões e atropela os pensares, só porque parece mal expôr uma opinião ou criticar uma ideia.

Tudo na vida tem um meio termo, por esse facto, quanto a nós, exagerar qualquer que seja o sentido, não nos parece de aconselhar, porque assim tais dizes não educam nem modificam, antes pelo contrário, criam aberrações, formando nos espíritos mais medíocres ideias adversas.

A formação de um carácter obedece a uma rotina própria em contraste com a sua cultura, e nunca com aquilo que outros querem que seja.

Não é pelo facto do — Parece Mal — que o indivíduo se modifica e se transforma.

A exemplo da Saudade — Parece Mal — também deve ser devidamente estudada, ou então riscada da maioria dos vocabulários dos oradores de café que, por tudo e por nada as empregam, sem se recordarem que na vida todos somos espelhos uns dos outros.

Não é a posição que ocupamos na vida que nos define, são os caracteres das pessoas que as elevam ou diminuem. Porque assim, a posição pode ser respeitada, mas o carácter alvo de crítica.

Quando nascemos, todos trazemos a obrigação de ser úteis não só a nós próprios, como também dentro do possível ao nosso semelhante, procurando sobre tudo o ajudar na cultura física e moral, mas para levar a bom termo é necessário banir para sempre o — Parece mal.

António Correia

AVENÇA

Voz do Sul, — Silves  
N.º 1575 — 2-8-952

## EDITAL

JOÃO ANTÓNIO DA SILVA GRAÇA MARTINS, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial faz saber que Maria Sequeira Catarino, requereu licença para instalar uma padaria de fabrico de pão de trigo de farinha em rama, em regime caseiro e familiar autónomo, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de fumo e perigo de incêndio, situada em Amorosa, confrontando ao Norte e ao Nascente com a Estrada, ao Sul com Manuel Neto e ao Poente com Manuel Gomes, freguesia de S. Bartolomeu de Messines, concelho de Silves e distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2 2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, 26 de Julho de 1952

O Engenheiro-Chefe da Circunscrição

João António da Silva Graça Martins

## Lanifícios

ULTIMAS NOVIDADES

Envia amostras

José Dionísio Lopes

MESSINES

## OPTICA ALGARVE, L.<sup>DA</sup>

Oculistas profissionais de Lisboa  
R. França Borges PORTIMÃO Telefone 127

Abriu em Portimão o seu Estabelecimento de Optica Médica, Instrumentos de Precisão, Artigos Fotográficos, etc., etc.

Execução minuciosa de todo o Receituário Médico Oftalmologista, sob a Direcção Técnica de Oculistas Profissionais.

A longa prática de mais de 20 anos em importantes casas de Lisboa, GARANTE todos os TRABALHOS executados na nossa Casa.

## OCULISTA

Optica Médica

O Proprietário da OURIVESARIA CATARINO, em Portimão, participa aos seus estimados clientes e amigos que abre brevemente um novo e moderno estabelecimento de OPTICA sob a direcção de um TECNICO (SEU FILHO) **Arsénio Catarino**, com aparelhos modernos, no qual se executa com garantia e dentro do mínimo tempo, todo o receituário Médico e com lentes em todas as cores e de primeira qualidade.

Sempre as últimas novidades em armações de Plaqué, Celuloide, etc.

Preços especiais para funcionários públicos que apresentem a sua identidade.

Para informações e despacho de qualquer receita, antes da abertura do referido estabelecimento, dirigir-se à

OURIVESARIA CATARINO

Telefone 93 — PORTIMÃO



TINGIR EM CASA  
todos os tecidos  
só com  
TINTAS DA MARCA  
**RAPOSA**

A MARCA QUE DOMINA

### Tintas a quente

(44 cores)

Carteira para tingir 350 grs. de tecido, cada 2\$40

Caixinhas para tingir 350 grs. de tecido cada 2\$50

### Tintas a frio

(40 cores)

Carteira para tingir 200 grs. de tecido, cada 1\$60

### Descorante

Frasco, para tirar as cores aos tecidos, cada 8\$00

A' venda em todas as drogeries do País

SILVES

LISBOA

Rua 5 d'Outubro, 7 a 11

Telefone — 38 232

## CASA DOS PANOS

para lençóis e fronhas

Colchas de tipo Oriental, com lindas côres e variados desenhos, últimas novidades

Colchas em damasco, em relêvo, de seda e de algodão

Não compre sem ver preços e qualidades NA

## CASA TRINDADE

SILVES

## MÁRIO GUERRA ROQUE

MÉDICO

Doenças das Crianças

Consultas às 11 e às 15 horas

R. Dr. Gustavo Cordeiro Ramos, 88

Telef. 238

PORTIMÃO

## Dr. NOBRE D'OLIVEIRA

MÉDICO

CLÍNICA GERAL E

DENTÁRIA

Rua 5 de Outubro

SILVES

ARTE E PRECISÃO INCOMPARÁVEIS!

# PRONTO

RELOGIOS SUISSOS DE  
ALTA CATEGORIA



PRONTO  
WATCH Co.

LE NOIRMONT — SUISSE

VENDE EM SILVES  
**HENRIQUE MARTINS**

## CASA DOS LINHOS

(Registada)

Teixeira de Abreu & C.<sup>a</sup>

GUI MARÃES

Fabrico especial de panos de linho

Atoalhados — Panos de algodão — Colchas — Bordados

Premiados na Exposição de Paris de 1900

## APYROL

As numerosas aplicações deste produto entre as quais se destacam:

Eficiência notável contra as queimaduras, cieiro, frieiras, furúnculos, dores nevralgias e reumáticas, contusões, golpes e feridas, tornando-se indispensável para ser usado antes e depois de barbear.

O Apyrol foi premiado com Medalha de Ouro na Exposição Industrial Portuguesa de 1933.

# O gato na linguagem de todos os dias

O gato ama o silêncio e o recolhimento do estudo; apraz-lhe o monótono ranger da pena sobre a aspereza do papel; acompanha discretamente o rumor da escrita com o do seu respirar gutural. Quando se não escreve mais, ele acorda [...]

Além disso tem no pelo um perfume almiscarado; é asseado como o arminho; tem menetos e contorsões preguiçosas e lânguidas de uma elegância feminina, finalmente é voluntarioso e tenaz como um homem e ingrato como uma mulher bonita.

(Ramalho, As Farpas, VII, pág. 234, Lisboa, 1889).

«Vivia numa casa enorme... tendo como única companhia um gatarão preto, que arranhava toda a gente, menos ao dono».

(Ramada Curto, O preto no branco, pág. 47, Lisboa, 1945)

De há muito que o gato entrou na linguagem popular, com significações de vária ordem. E, num estudo desprezível sobre a psicologia do gato, não deixa de ser oportuna uma viagem no adagiário onde o gato aparece.

Do gato à lebre, não vão grandes passos anatómicos — assim o supõe o povo. E a expressão *impingir gato por lebre* passou a designar na linguagem de todos os dias, a arte de enganar o próximo a este dando o mau por bom.

Mas parece que o costume de impingir gato por lebre foi verdadeiro nas estalagens do século XVI. Covarrubias, jurisconsulto espanhol, assim o afirma. Gato por lebre era então prato tão frequente como burro adubado por vitela.

Os convivas começavam a desconfiar... E, então, para se certificarem do pitêu, recorriam, maliciosamente, à ingénua intimativa, dirigida ao prato:

*Se és lebrito,  
Conserva-te frito.  
Se és gato,  
Salta do prato...*

Ora, como o gato não saltasse do prato, abancavam convencidos (?) de que lhes não tinham impingido gato por lebre.

Vender gato por lebre é conjugar o verbo vigiarizar no presente, jeito que se pode ter adquirido no passado, e que, muito verosimilmente, se continuará no futuro.

Todos os que possuem licenciatura em fraude são atreitos a vender gato por lebre... E' essa casta de licenciados que, com palavrinhos doces, nos impinge latão, como se ouro fosse do mais fino quilate.

Fazer gato sapato é enganar o próximo grosseiramente, como o poderá fazer qualquer espertalhão de tamancos — e muitos abundam aí na feira humana.

Lançar o gato às barbas de outrem é enxotarmos de nós o perigo para cima de alguém. Praticam esse método todos aqueles que se promoveram a umbigos do mundo, os que entendem que os sacrifícios são de excelsa beleza moral... nos outros.

Damo-nos como cão e gato, quando vivemos sob o signo da permanente discórdia. Lançar o cascavel ao gato é realizar um trabalho difícil, vencer um grande perigo, atrever-se a empreendimento quase sobrehumano. Buscar cinco pés ao gato é pretender provar o improvável, é querer demonstrar com sofismas que o sol nos cabe dentro do bolso ou o mar na concha da mão. Dizemos gato furtado, com orelhas de fora, falando de alguém que esforçando-se por encobrir um roubo, por exemplo, o faz tão desastrosamente que, afinal, se denuncia, por indícios mal encobertos.

Se havemos de dar ao rato, damos ao gato, — diz se, para significar que, a termos de fazer uma despesa, a deveremos fazer com quem lucrativamente nos compense. O estudante que passa pelos livros como gato por brasas é o estudante naturalmente fadado para o *chumbo* no fim do ano escolar. O gato passa pelas brasas tão ao de leve, ou tão de longe, que nem lhes toca. Exactamente como o péssimo estudante, que navega no alto mar da preguiça, sem livros à vista.

Se dizemos que, à noite, todos os gatos são pardos, damos a entender que tudo é confuso, tudo perdeu a nitidez dos contornos, não sabendo nós fazer uma identificação. De homem que tem mais palavras que acções dizemos nós: gato miador, fraco caçador; o que consome em rios perde em ratos; o que gasta em retórica é precisamente o que lhe falta em dinamismo a três dimensões.

O mais vale um pássaro na mão do que dois a voar tem sua réplica no mais vale magro no mato, que gordo no papo do gato. E' a filosofia do pançudo Sancho, contra a do Cavaleiro da Triste Figura. Gato a quem morde a cobra tem medo à corda. Raciocina naturalmente por analogia. Se a cobra lhe mordeu, e a corda é parecida com a cobra, logico é que a corda o assuste. O ditado anterior tem a mesma estrutura que a do gato esgalado, de água fria tem medo. E sabe o leitor qual a origem deste prolóquio? Por ser curiosa, vale a pena referi-la:

Certo padre, amigo de gatos, nunca se dispensava de ter a sua gataria à mesa, no momento de jantar. Jantava ele jantavam os bichanos. Quem não gostava da coisa era o sacristão, porque o que sobrava e não sobrava da mesa, em lugar de lhe caber a ele, que servia o reverendo, cabia aos gatos. Ora o nosso padre costumava aspergir de água benta as comidas — e, aspergindo as suas, aspergia também a dos bichanos.

Sai o reverendo a pregar noutra freguesia, e fica o sacristão de guarda à casa. Na ausência do patrão, arma ele agora em dono. Cozinha a sua refeição e com o mesmo lume aquece água que a ferver mete no hissope. Ele a aproximar-se da mesa, e a gataria de rabo alçado, pronta para a mastigação do bofe. Agora é que é a ocasião de eu tirar vingança — disse para consigo o sacrista. E, puxando do hissope, aspergiu fortemente os bichos que, ao sentirem no lombo a água a ferver bufavam de surpresa...

Volta o padre, no dia seguinte, e vai para a mesa de jantar. Reconhecendo o dono amigo, aproximam-se os gatos. Mas tão depressa vêem o hissope alçado, pernas para que vos quero. Saltam por cima da mesa, a fugir, e partem, na debandada, pratos, garrafas e terrinas. Um medonho estroloçar de cacos.

Espantado com o acontecido, pergunta o reverendo ao criado sacrista a razão daquele percalço.

— Meu Senhor — disse ele — gato esgalado, de água fria tem medo. A referida explicação do anexam poderá não ser a verdadeira, mas é, pelo menos, bem achada...

Que fazem os subalternos quando se ausentam os superiores, os estudantes na ausência do mestre? Dão largas à sua veia cáustica, preguiçam, fazem o diabo! E' então caso para dizermos: vão-se os gatos, estender-se os ratos. Deus nos livre do homem que pela frente nos lisonjeia com as mais aveludadas expressões, e nas costas nos esfaqueia. Desse tal poderíamos nós afirmar que tem palavras de santinho e unhas de gato. O seu convívio é indesejável. O seu hábito é de beato, mas de gato são os seus dentes.

Cesteiro que fez um cesto faz um cento. De homem que prevaricou uma vez, é fugir. A primeira é a que mais custa — como se fosse a subir. As outras são todas a descer... Criado o jeito..., a tendência torna-se irresistível. E portanto, um olho no prato, outro no gato. Do mal guardado come o gato. Bom amigo seria o gato, se não roubasse. Desconfiai de certos gatos, que não são nossos amigos, mas amigos do nosso...

Em caminho francês, gato é rês — prolóquio equivalente de, em tempo de guerra, não se limpam armas, e por acepipes de truz se con-

# “O Problema da Batata em Portugal”

(Conclusão)

Prosseguindo considerou como solução:

«Para se garantir o abastecimento público, no que respeita a batata, sem recorrer à importação, assegurar o rápido aumento das produções em caso de emergência, e, ao mesmo tempo, criar condições para outros aproveitamentos do produto, um único caminho se nos depara: procurar produzir «normalmente» em excesso. Em virtude da contingência da produção agrícola, só assim é possível ter «normalmente» garantida a produção da quantidade indispensável.

Como, porém, os excedentes do consumo geram o aviltamento dos preços, tornar-se-á necessário, para o evitar, a actuação de um Organismo dotado dos meios de acção adequados às circunstâncias.

Os problemas daqui resultantes e aqueles que actualmente se apresentam à nossa observação, entre os quais avulta o do desequilíbrio entre a produção e o consumo, nas diferentes épocas do ano, agravado pela má política dos preços; estes problemas — repetiu — são tais e tão complexos, interferem-se mutuamente de tal maneira, que só podem ser resolvidos se forem considerados no seu conjunto, e a solução para qual quer deles ponderada à luz das reacções que venha a provocar nos restantes. Fora disto não há soluções viáveis.

E, para que o Organismo chamado a resolver tais problemas não veja a sua acção prejudicada por factores estranhos a ela, necessário se torna que possa coordenar, ou

«controlar», tudo o que à batata se refere, desde o estudo das variedades e sua adaptação às diversas regiões, passando pela produção da batata-semente e pelo melhoramento da cultura, até à orientação do comércio do produto e à intervenção indispensável.

Seguidamente apontou alguns objectivos mais importantes que se deve procurar atingir, através do Organismo regulador durante o seu regime transitório.

«Terminado o período transitório — acrescentou — devera ter-se conseguido o barateamento de preço do custo da produção, pela conjugação da melhoria dos métodos culturais com o emprego de «boa vontade» das variedades mais próprias para cada região. Só assim poderemos resolver certos problemas ligados ao aproveitamento da batata na Pecuária e na Indústria.

E é preciso não esquecer que o barateamento efectivo da batata só é conveniente à Economia Nacional, desde que seja baseado na baixa dos preços de custo da produção.

Para atingir os seus objectivos o Organismo coordenador deverá dispor de um Fundo de Maneio e criar um Fundo de Compensação. Este será destinado principalmente a garantir a retirada do mercado dos excedentes do consumo, e fazer face ao diferencial necessário para os entregar à Pecuária, à Indústria e à Exportação, quando os preços do custo e condições especiais de produção não permitam fazê-lo sem esse auxílio».

sideram então alimentos que nem os cães poderiam tragar em tempos de paz e de abundância.

Dizemos, não foste tu, foi o gato, quando nos dirigimos a alguém que procura defender-se de falta que evidentemente cometeu. Surprender gato numa conta, ou numa escrita, é o mesmo que descobrir, nessa conta ou nessa escrita, um erro, um lapso, um engano. E, então, dizemos: «aqui é que está o gato».

Para dizerem que não se pode tocar, de ânimo leve, em certos negócios difíceis, empregam os franceses a expressão: «On ne peut prendre de tels chats sans mitaines». Para insinuarem que, por exemplo, numa polémica, um dos polemistas encontrou antagonista perfeitamente à sua altura, dizem: «à bon chat, bon rat». Quando querem exprimir ausência de eufemismo na expressão — pão pão, queijo queijo — empregam o consabido verso de Boileau: «J'appelle un chat un chat, et Rolet un fripon». Se querem caracterizar a maldade disfarçada em bonomia, lembram o hemistiquio de La Fontaine: «Un saint homme de chat», que nós com mais eloquência traduzimos desta maneira: por fora palavras de santo, por dentro unhas de gato... (1)

Sempre que se fala das madeirenses de gema, é hábito fazer-se a pergunta:

— Qual é o animal que tem quatro patas e meia?

O interrogado, se porventura não conhece o sotaque madeirense, fica perplexo, e não responde.

O animal que tem quatro patas e... meia («mia», é que os madeirenses chapados querem dizer...) é o gato.

Aliás, o poeta satírico Gregório de Matos, em vez do verbo *miar* (para os gatos) empregava *meiar*. E daí a rima:

*E' redonda toda a bola,  
Passarinho na gaiola  
Está preso na cadeia,  
O gato bravo meia...*

Costuma dizer-se que quem não tem que fazer faz colheres. E dos que, no oportuno tempo, descuram a sua preparação para a vida de futuros homens, diz-se que passam a vida a... capar gatos! A respeito de certo primogenito espanhol que descurava a sua preparação para futuro Rei, alguém dizia:

*Príncipe: mil mentecatos  
murmuram, sin Dios ni ley,  
de que habiendo de ser Rey  
os andeis capando gatos.*

Henrique Fortuna

(1) O gato entrou no adagiário para significar incapacidade:

Bom amigo é o gato,  
Se não arranhasse  
Palavras de santo  
E unhas de gato!  
Unhas de gato,  
E hábito de beato!

Gato, Gata, Gatacho, Gatocha e Gatucho são alcunhas frequentes. (Cfr. a lista de J. Leite de Vasconcelos, *Antroponímia portuguesa*, pág. 223-224, Lisboa, 1928).

# Uma breve Digressão Histórica

Nesta hora mais, que o relógio da História marca, em que Portugal cumpre o sagrado dever de prestar justa homenagem a Camões, símbolo supremo da glória e grandeza da raça lusitana, é de elementar justiça, focar alguns aspectos da vida trágica do mártir iluminado, poste que nem todos são versados em história.

Os seus inimigos invejosos, despeitados e enrededores, junto de El-Rei D João III, urdiam criminosamente os fios da teia que o havia de expulsar do Paço, bolsando sobre ele as mais ingentes calúnias, sem o menor respeito pela creatura humana.

Deste modo, quando julgaram propício o ensejo o Padre Jesuíta Simão Rodrigues, dos mais íntimos confidentes do Rei, insinuou com requintes de maldade bem disfarçada, no espírito do monarca, que certos versos do poeta, revelavam declaração de amor à Senhora Infanta; e que no Paço, isso se estava tornando escandaloso, como escandalosos eram os amores do poeta com a filha do fidalgo D António de Lima, que vivia recioso, afrontado, e seus filhos, de tais amores.

Maior escândalo era ainda, o poeta viver amancebado em Lisboa, com uma mulher de pé descalço, engeitada, que foi criada de uma estalagem em Coimbra de quem tinha uma filha.

Com versos, já ele tem ofendido algumas ilustres damas do Paço, sem temor de Deus, que é o fundamento de toda a vida humana.

E' um impenitente difamador de mulheres; vai ao Paço desferir trovas de amor às damas, na mesma lira que arrastava pelas tabernas de Coimbra, e algumas vezes haverá enxovalhado nos alcoves de Lisboa, de parceria com o seu amigo, o hereje devasso *Chiado*. Mas minha irmã, a Senhora Infanta, decerto nunca terá dado azo a essas ousadias.

O padre Jesuíta Simão Rodrigues disse: Camões é audaz mas ia jurar que só o houve, na ilusão do seu douto espírito, crendo que está naquele homem, o poeta predestinado das glórias de Portugal.

Continua

Vicente do Carmo Sénior

## « PARA TI »

Eis o nome da Revista que acaba de ser lançada e que, certamente, todas as senhoras de bom gosto irão apreciar e preferir!

Em virtude de se ter dissolvido a sociedade da Revista «O Meu Enxoval», uma das suas proprietárias, que era ao mesmo tempo única e exclusiva desenhadora, acaba de editar a Revista acima citada, na certeza de que todas as senhoras irão acolhê-la com simpatia, pois «Para Ti» é, por assim dizer, a continuação daquela que deixou de existir e que tão grande êxito obteve.

«PARA TI», tem a sua Redacção em Lisboa, na Rua Sousa Viterbo, 16, 1.º D., para onde devem ser dirigidos todos os pedidos.

O seu preço é de 3\$50.

# Voz do Sul

**José Júlio Martins**

ADVOGADO

Escritório — Rua 5 de Outubro, 16 — Telef. 89  
Residência — Jardim Eng. Cancellaria d'Abreu — Telef. 59

SILVES

## A Sombra da Pantalha

por CARLOS SUL

XXIII

Sobre a classificação jurídica das parcelas do Ultramar Português, proclamava, em 1820, a *Junta Provisional Preparatória das Cortes Constituintes*: ... «Extinto para sempre o injurioso apelido de Colónias, não queremos todos outro nome que o título generoso de concidadãos da mesma pátria. Quanto nos deprimiu a uns e a outros a mesma escravidão, tanto nos exaltará a comum liberdade e entre o europeu, americano, asiático, africano, não restará outra distinção que a porfiada competência de nos excedermos e avantajarmos por mais entranhável fraternidade, por mais heróico patriotismo, pelos mais denodados esforços».

Tendo-se por demais abusado, de facto, durante séculos, do termo «colonização», no trato internacional, é bom que nos contentemos, finalmente, com o seu uso interno.

«O desnudamento das serras do Algarve» foi o tema de uma interessante e muito oportuna tese apresentada ao 2.º Congresso Regional Algarvio, por um dos mais eminentes botânicos portugueses, o sr. dr. Francisco de Ascensão Mendonça, tese em que se salientava:

«O revestimento vegetal das serras chistosas do Algarve sofreu, nos últimos 50 anos, uma devastação geral.

Foi causa fremente dessa devastação a necessidade de alargar as áreas cerealíferas até ao exagero. Desse facto resultou a diminuição progressiva da capacidade do solo para a regeneração da flora climace».

As consequências imediatas manifestam-se alarmantemente na erosão do solo até à rocha viva.

O problema fundamental consiste agora na reabilitação das áreas degredadas, por dois processos: a *protecção da flora espontânea que lentamente se instala nos terrenos abandonados e a florestalização das áreas favoráveis ao desenvolvimento de espécies de rendimento económico compensador*.

Terão os proprietários algarvios ouvido tão avisado conselho?

## O Apelo dos Bombeiros

Transporte	2.555\$00
Do Grupo cénico da Casa do Povo de Messines produto líquido da recita em Silves	1.086\$90
Da importante firma Avern & Buckuall Ltd	1.000\$00
Henrique Martins	200\$00
Dr. Roberto de Sousa	150\$00
Dr. Afonso L. D. Silva	100\$00
José Rodrigues Trindade	100\$00
Manuel Joaquim Ramos	50\$00
Dr. Carlos L. Falcão	50\$00
Dr. António Costa Sá	50\$00
Edmundo Pargana	50\$00
Francisco Sousa Correia	50\$00
Dionísio G. Oliva	50\$00
António José Sequeira	50\$00
António S. Guerreiro	50\$00
Raúl Girão (Herd.)	50\$00
Mateus Pargana	50\$00
João P. Bitores Cabrita	100\$00
António Cabrita Correia	30\$00
José Joaquim	20\$00
Francisco Luiz Baião	20\$00

A Transportar 5.861\$90

Segundo nos informa a Direcção da humanitária Corporação, vão ser distribuídas, muito em breve, por todas as casas da cidade de Silves circulares solicitando a contribuição de todos os habitantes, para o fim já falado: aquisição do pronto-socorro e da ambulância. Porque se trata de coisas que são de absoluta necessidade e de rec-nhecida utilidade pública, esperamos que em todas as casas haja qualquer óbulo a entregar, grande ou pequeno. Todos se devem compenetrar do bem que para todos representa a aquisição das duas citadas viaturas e de que vale mais dar pouco do que nada...

## As carreiras de navegação

(Continuação da 1.ª página)

trimónio português nos colapsos sofridos pela Espanha na sua tentativa de hegemonia universal.

Só então surgem as companhias inglesa e holandesa das Índias, que passam depois a dominar o comércio dos mares do Oriente.

Pois a situação de primeira grandeza disfrutada outrora pelos portugueses, que se diluiu através dos tempos, por maior diferença que apresente com o presente, devia garantir-nos quando mais não fosse, o respeito daqueles que, em grande parte, nos devem os benefícios que têm disfrutado desde há séculos. E nunca o reaparecimento de uma carreira regular de navegação portuguesa teria que causar espanto fosse a quem fosse.

Tal não se verifica, infelizmente, o que não deverá no entanto obstar a que as entidades mais directamente empenhadas no problema da navegação portuguesa no Oriente se mantenham com a firmeza que puderem nas suas intenções, uma vez que estão em causa além do prestígio de Portugal, os seus mais legítimos interesses.

A. Martins Mendes

## SILVES visitada pelos sócios da

Sociedade Cooperativa de Consumo Piedense

Silves, cidade que vive do esplendor dos seus pergaminhos, embriagada no perfume das suas lindas odaliscas, evocando inteiro o seu passado, desde que o destemido guerreiro D. Paio Peres Correia a reconquistara aos mouros e que D. João I deu ao seu Condestável as rendas e direitos que el-rei tinha, rasgou no domingo passado o sudário em que jazia, com o entusiasmo e a alma essencialmente democrática dos seus habitantes.

Os silvenses com aquele espírito cavalheiresco e hospitaleiro, receberam os seus visitantes com a boa vontade que lhes é peculiar.

Na sede da Cooperativa «A Compensadora», houve uma pequena sessão solene, a que presidiu o sr. Manuel Antão, antigo cooperativista da Cova da Piedade; nela usaram da palavra além deste, os srs. Carlos Nicolau, Miguel Martins e por último o sr. José da Conceição Mateus, que num interessante improvisado disse: «E' com a maior satisfação que exteriorizo a alegria que nos causa a vossa visita a esta vetusta e histórica cidade de Silves, outrora uma das mais importantes cidades do País.

Passando ao assunto da vossa presença nesta Casa, direi com o todo o entusiasmo que me vai na alma, que da vossa visita resultará, sem dúvida, algo de benéfico e construtivo para a grande obra do Cooperativismo Português, que, dia a dia, e por

virtude dos esforços dispendidos por alguns dos seus elementos, vai avançando na luminosa estrada da Paz e do Progresso Nacional, ao lado de outras instituições fundadas pelo Governo e que com elas visa a realização dos grandes objectivos e das legítimas aspirações da sociedade portuguesa.

Nos tempos que decorrem, em que o egoísmo e o interesse imperam, a vossa visita, impulsão da, certamente, pelo desejo de conhecer melhor a nossa terra, e pelos anseios de aperfeiçoar tanto quanto possível o vosso sistema cooperativista, a vossa visita—ia eu dizendo—constitui por assim dizer um forte elo que ficará ligando as actividades desenvolvidas neste meio, para com o vosso.

A vossa passagem por Silves, ficará para sempre na lembrança, como mensageiros do intercâmbio espiritual, que todos os organismos cooperativos devem manter entre si, para bem da colectividade, para prestígio da Nação, para glória da Pátria—sejam pois, bemvidos, a esta casa.»

Ao terminar o orador recebeu quentes aplausos, sendo seguidamente servido um Porto de Honra.

Os visitantes levaram as melhores impressões da cidade e dos seus velhos monumentos como o Castelo de Silves, a Igreja da Sé e a Cruz de Portugal, visitando também a tradicional Horta de Mata-Mouros.

## Ensino Técnico Profissional

Estão abertos perante a Direcção Geral do Ensino Técnico Profissional, pelo prazo de 30 dias a contar de 24-7-952, concursos de habilitação para mestres de diversas oficinas das escolas técnicas, a que podem concorrer os indivíduos habilitados com cursos profissionais das escolas que compreendam a oficina a que se refere o concurso, que tenham mais de 21 e menos de 35 anos de idade.

Os programas dos concursos e a lista dos documentos necessários estão publicados no «Diário do Governo», II série de 24 de Julho do corrente ano.

## Um acertado aviso

O Sr. Presidente da Câmara Municipal, pede-nos que avisemos as pessoas que se deslocam para férias, deixando desabitadas as suas casas, que informem por escrito o Posto Policial, para que seja exercida mais aturada vigilância sobre essas residências.

## A NOSSA CARTEIRA

Aniversários

Durante o corrente mês fazem anos:

Dia 1—D. Carminda Figueiredo Grade Júdice dos Santos.

Dia 10—D. Maria Luiza Martins Callapez.

Dia 12—D. Georgina Thadeu de Almeida Lança e D. Maria Alexandrina do Carmo Velinho.

Dia 13—Menina Maria de Jesus Cabrita Sustelo.

Dia 14—D. Virgínia Jacinto Tomé e D. Malvina da Conceição Aman-tes.

Dia 16—Anibal Santana

Dia 24—Joaquim Augusto Ramos Taborda.

Dia 29—José Francisco Santana Quintinha e Orlando José dos Santos Oliveira.

Dia 30—Hermenegildo Horta Correia.

## Festa dos Finalistas da Escola Industrial e Comercial

Os finalistas da Escola Industrial e Comercial de Silves, realizaram no dia 24 p. p. a sua festa de despedida.

Para o efeito ergueram no vasto recinto da cerca da Escola um palco e aí exibiram um interessante programa, que foi presenciado por numeroso público.

A festa, que decorreu com brilhantismo, assistiram além do sr. Governador Civil de Faro e mais entidades oficiais, muitas pessoas de destaque na nossa cidade.

Agradecemos o convite que amavelmente nos foi dirigido.

## Amigos dos Pequenos

Rectificação

No aviso convocatório da reunião da Assembleia Geral desta Instituição, que publicamos no nosso último número, saiu, por lapso, errada a hora anunciada para aquela reunião, que é às 15 horas e não às 21, como anunciamos.

## D. Maria Isabel Gonçalves S. Filipe

Com honrosa classificação completa o 1.º ano de medicina na Universidade de Lisboa, esta distinta senhora, estremosa filha da sr.ª D. Rogélia Gonçalves de Sousa Filipe e do sr. Engenheiro João Filipe, inteligente Chefe dos Serviços dos Caminhos de Ferro em Lourenço Marques.

Maria Fernanda Leal, Maria I. Alves Neto, Natália Curreiro, Adélia Brás.

Dia 25 - Aprovadas: Donatilde Grave, Isabel Maria G. Inácio, Maria Aliete Simões, Maria do Carmo Calado, Maria da Piedade S. Correia, Rogélia Sequeira, Rosa Maria S. Cabrita, Antonieta Ribeiro.

Dia 26 - Aprovadas: Clara V. Catxinha, Maria Boto Duarte, Maria José Nobre, Tília Simões, Maria A. Vieira Gonçalves, Maria de Lourdes R. Correia, Maria Teresa Correia, Rosália da Conceição Nunes Sequeira.

## Resultados dos Exames do 2.º grau

1.º JURY FEMININO

Dia 16-7 - Aprovadas: Albertina M. da Silva, Antónia Neves Gaspar, Graciete R. Martins, Ilda Maria N. Dias, Jocelinda Silva Guerreiro, Maria Antónia G. Rapazinho, Maria Alzira Mestre, Maria Eugénia M. Graça.

Dia 17 - Aprovadas: Maria J. Marques Tomé, Maria J. Montes Cabrita, Maria José G. Dias, Maria Oliveira G. Fernandes, Maria da Piedade D. Alves, Rosa Maria Rodrigues, Rosinha P. Coelho, Crisante V. da Silva.

Dia 19 - Distinta: Maria da D. Correia Mogo. Aprovadas: Aurora Maria D. Ramos, Aurora Viola, Maria Fernanda C. Simões, Maria José Nobre, Mirandolina Machado Br. z, Zulmira A. Félix, Maria Helena M. Duarte.

Dia 21 - Aprovadas: Eulália B. Cabrita, Eulália C. Santos Matias, Felisbela Moreira, Felisbela da Silva, Maria da Conceição Viegas, Maria da C. Martins Guia, Maria Otília M. Guerreiro.

Dia 22 - Adélia Neves, Crisante Xavier, Emília C. Fernandes Alves, Eulália Cabrita, Fernanda C. Neves, Irene Gonçalves, Rita C. Neves, Stela Correia.

Dia 23 - Aprovadas: Maria M. Prudêncio Brás, Maria Gil Barbosa, Maria P. Correu Anastácio,